

Conectores advindos da construção [XQUE]conect no português: uma visão construcional de mudança

Connector resulting from [XQUE]connect construction in Portuguese:
a constructional view of change

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v5i1.15945>

Monique Petin Kale dos Santos

Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

E-mail: moniquepks@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1677-5540>

Thiago dos Santos Silva

Doutorando em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

E-mail: santosthiago@ufrj.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9165-8251>

RESUMO

Este artigo apresenta o estudo das microconstruções *ainda que*, *mesmo que*, *assim que*, *uma vez que* e *já que* entre os séculos XIII e XVIII, levando a formação da construção mais abstrata [Xque]_{CONNECT} na língua portuguesa. Para tanto, utilizamos como pressupostos teórico-metodológicos a Linguística Funcional Centrada no Uso. A formação dessas microconstruções baseiam-se no modelo da Mudança Construcional e da Construcionalização (TRAUGOTT E TROUSDALE, 2013; TRAUGOTT, 2015). Essa abordagem agrega os principais rede pressupostos da Gramaticalização e da Gramática de construções a fim de explicitar como a língua varia, com a mudança constante da rede linguística, observada como um agrupamento de nós (pareamento forma-sentido) interligados. Desse modo, a partir da análise de tais microconstruções, o presente trabalho exhibe a estruturação da rede [Xque]_{CONNECT} no português.

Palavras-chave: Construcionalização. Mudanças construcionais. Conectores. Processos cognitivos. Construção linguística.

ABSTRACT

This paper presents the study of the microconstruction *ainda que*, *mesmo que*, *assim que*, *uma vez que*, and *já que* between the XIII and XVIII centuries, leading to the formation of the more abstract construction [Xque]_{CONNECT} in the Portuguese language. For this, we use as theoretical-methodological assumptions the Usage-Based Linguistics. The formation of these microconstructions based on the model of Constructional Change and Constructionalization (TRAUGOTT E TROUSDALE, 2013; TRAUGOTT, 2015). This approach aggregates the main assumptions of Grammaticalization model and Constructional Grammar in order to explain how the language varies, with the constant change of the linguistic network, observed as a grouping of interconnected nodes (form-meaning pairings).

Keywords: Constructionalization. Constructional changes. Connectors. Cognitive processes. Linguistic construction.

Introdução

Esse artigo tem como objetivo expor e explicar, por meio de uma perspectiva histórica, a criação da construção cognitiva [Xque]_{CONNECT}, que capacita inúmeras microconstruções, tais como: *ainda que, uma vez que, já que e assim que*. Assim, o presente artigo exhibe construções que possuem advérbios ou locativos adverbais com origem temporal, a saber: *ainda, uma vez, já e assim*.

Ademais, trabalharemos sob a ótica do modelo de Traugott e Trousdale (2013), segundo o qual as construções linguísticas são formadas a partir de outras construções por meio de diferentes processos que levam a mudanças construcionais. O processo de construcionalização define-se com a ocorrência de alterações tanto no plano da forma quanto no sentido das construções (CROFT, 2001). Dessa maneira, há a constituição de um pareamento novo do binômio forma-função, ou seja, existe a criação de um novo nó (construção) na rede linguística. De acordo com autores citados acima, verificamos ainda dois tipos de construções: a gramatical e a lexical. Como nossa pesquisa focaliza apenas as construções gramaticais, focalizaremos justamente a essas construções, dado que se referem às construções que mantenham valor procedural.

Assim, mostraremos a disposição das microconstruções com funções conectivas com base na rede cognitiva, verificando o grau de parentesco (ou familiaridade) e as relações de vizinhança. A linha teórico-metodológica tratada aqui é a Linguística Funcional Centrada no Uso (BYBEE, 2010, 2015; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), que lida com a aproximação da Linguística Funcional e da Linguística Cognitiva. Nessa abordagem construcional, a língua é visualizada como uma rede abstrata de construções com nós e *links* e estruturada de maneira hierárquica.

Deste modo, o presente artigo se subdivide em três seções. A primeira descreve a fundamentação teórica utilizada no estudo das microconstruções e mostra que a formação da Linguística Funcional Centrada no Uso resulta a partir das afinidades entre a Linguística Cognitiva e Linguística Funcional, além de explicar o modelo de mudanças construcionais e do processo de construcionalização. A segunda destina-se à discussão dos fatores metodológicos empregado na análise dos *copora* e do gênero textual. A terceira, por sua vez, apresenta o desenvolvimento das microconstruções ao longo das sincronias, bem como seus micropassos e os contextos críticos a fim de esclarecer a relação entre elas na rede construcional.

1. Fundamentação teórica

1.1 Linguística funcional centrada no uso

Sob o viés da linguística funcional norte-americana, a linguagem refere-se a um processo de interação social, ou seja, a competência linguística vincula-se às situações reais de uso. Dessa forma, é incorreto afirmar que as construções se baseiam apenas em um sistema autônomo e arbitrário, dado que as mesmas possuem como finalidade a manifestação do pensamento. Consoante Martelotta (2011), os aspectos culturais também devem ser levados em consideração dentro dos estudos linguísticos, visto que a linguagem não se limita a certas habilidades cognitivas.

Com a convergência das correntes teóricas funcionalistas (cf. BYBEE, 2010, 2015; TRAUGOTT, 2010, 2012, 2015; dentre outros) e cognitivistas (cf. GOLDBERG, 1995, 2006; FILLMORE, 1968; dentre outros), designou-se como Linguística Funcional Centrada no Uso a abordagem mais holística dos usos linguísticos, visto que as construções não produzem sentido isoladamente, mas sim, integradas em relações contextuais.

Ainda, conforme Bybee (2001), mesmo que o uso de certas expressões demande certas motivações comunicativas e do sentido negociado entre falante e ouvinte, existe uma uniformidade na variação. De acordo com a autora supracitada, podemos equiparar a mudança linguística com dunas de areia, uma vez que estas apresentam aparente forma na regularidade e na estrutura, embora sejam maleáveis. Traçando um paralelo, verificamos que a linguagem exibe certa estabilidade e, simultaneamente, mostra variação em todos os níveis, como mostra o fenômeno investigado no presente artigo.

Constatamos um continuum categorial entre os advérbios ou locuções adverbiais e conectores tanto em pesquisas sincrônicas (como o uso de advérbios com funções conectivas em porções do texto) quanto em estudos diacrônicos, referindo-se ao fato de que a formação dos conectores na língua portuguesa advém na maioria das vezes dos advérbios (cf. MARTELOTTA, 1996).

Fundamentados nos pressupostos cognitivo-funcionais, apontamos, em termos gerais, habilidades cognitivas (BYBEE; 2010) importantes para a organização e modificação da língua, dentre elas: (a) categorização; (b) *chunking*; (c) memória rica; (d) analogia; e, (e) associação transmodal. Segundo a autora supracitada, a primeira relaciona-se ao processo de semelhança ou de correspondência na identificação, quando palavras, sintagmas e outros elementos linguísticos são reconhecidos e agrupados na memória. A segunda designa o processo pelo qual sequências de unidades são empregadas em conjunto, gerando unidades mais complexas. Essas sequências repetidas (de palavras e/ ou de morfemas) são combinadas cognitivamente, formando uma unidade monolítica.

A memória rica refere-se aos exemplos já arquivados em modelos de representações. A analogia, por sua vez, caracteriza-se pela criação de novos enunciados, estabelecidos em enunciados anteriores. Por fim, a associação transmodal aplica-se à habilidade de conexão entre forma e significado. É importante salientar que o aumento da frequência torna-se essencial para a compreensão do processo de variação e mudança das construções analisadas.

As sequências de palavras utilizadas conjuntamente geram o processo denominado por *chunking*, no qual um grupo de palavras é compreendido como um todo de forma e sentido. Assim, podemos reiterar que o aumento de frequência (da +rotinização) dessas construções auxilia na maior produtividade das mesmas e, por consequência, na compreensão por parte dos falantes das construções como um *chunk*, ou seja, um “bloco” de forma e função. Portanto, o *chunking* atua como a habilidade cognitiva necessária para o entendimento da construção [Xque]_{CONNECT} como uma unidade de forma e significado, independentemente dos advérbios preenchidos no *slot X*.

1.2 Mudança construcional e Construcionalização

O modelo da Linguística Funcional Centrada no Uso, embora se baseie no modelo de Gramática de construções, estabelece o estudo no âmbito histórico como instrumento de pesquisa, dado que a análise diacrônica explicita os processos de mudança e variação sofridos pelas construções.

Segundo Traugott e Trousdale (2013), as construções são convencionalizadas e compartilhadas por um grupo de falantes. Por representarem signos simbólicos, elas são tipicamente associações arbitrárias de forma e significado. Ainda conforme os autores acima, as micromudanças sucedem por meio dos *tokens* (constructos), ou seja, o *locus* da mudança ocorre no constructo. A inovação não representa a mudança, visto que se refere apenas à característica individual da mente. Para considerarmos a inovação como mudança linguística, ela deve ter sido replicada entre os falantes, resultando em convencionalização.

De acordo com tal abordagem, uma construção (gramatical ou lexical) é gerada a partir de outra construção pré-existente, porém essa relação entre a construção primária e a descendente pode se extinguir de forma gradual. Por consequência, essa mudança ocasiona uma nova redistribuição na rede. Hudson (2007) classifica a linguagem, como qualquer outro sistema cognitivo, como uma rede hierárquica de nós e *links* entre esses nós. Cada nó localizado na rede linguística representa uma construção.

No que tange às mudanças ocorridas nas construções, Traugott e Trousdale (2013) postulam dois tipos:

- (1) Mudanças construcionais: são mudanças que afetam características de uma construção já existente, ou seja, as construções ocorrem no plano da forma ou no plano do conteúdo (cf. CROFT, 2001). Essas mudanças não necessariamente levam à formação de uma nova construção.
- (2) Construcionalização: são mudanças que se sucedem tanto no plano da forma quanto no plano do conteúdo, produzindo, assim, uma nova construção. A formação dessa nova construção designa um novo nó na rede linguística.

Com base nessa concepção de mudança, Traugott e Trousdale (2013) propõe uma taxionomia da construcionalização que contempla as duas maneiras: a gramatical (ou procedural) e a lexical (ou conteudística). A primeira detém um significado abstrato que sinaliza relações linguísticas, perspectivas e orientações dêiticas. De acordo com Terkourafi (2011 *apud* TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), expressões linguísticas codificam significado procedural, quando elas “contribuem em como combinar conceitos em uma representação conceitual”. Essas combinações incluem marcação da estrutura informacional (tópico, definitude etc), marcação estrutural de argumento (caso) e marcação da fase temporal (aspecto) ou da relação do tempo de fala (tempo dêítico). As dimensões formais, com as quais o significado procedural é frequentemente conectado, são tradicionalmente conhecidas como elementos gramaticais. A segunda trata do material ‘conteudístico’ e deve ser utilizado referencialmente; na dimensão formal, nós o associamos às categorias de N (nome/ substantivo), V (verbo) e ADJ (adjetivo).

Os autores mencionados anteriormente assinalam que na construcionalização gramatical, por desenvolver uma função mais procedural e abstrata, as construções tornam-se mais produtivas e menos composicionais, ao passo que as lexicais, apesar de em alguns casos incluir expansão e esquematização, assim como nas gramaticais, esses fatores possuem menos poder preditivo para a direcionalidade. No entanto, as construcionalizações lexical e gramatical não devem ser vistas como categorias opostas, visto que os autores as consideram um gradiente entrelaçado.

A fim de analisar as construções *desde que*, *mesmo que*, *ainda que*, *uma vez que*, *já que* e *assim que*, focalizaremos somente no processo de construcionalização gramatical, dado que as construções pesquisadas atuam como conectores (temporais, condicionais etc) no texto. Ademais, a partir da formação dessas novas construções, sinalizaremos também as alterações sofridas na rede construcional [Xque]_{CONNECT}.

2. Metodologia

A fim de analisar os estágios pelos quais as microconstruções aqui apresentadas passaram, coletamos dados com o objetivo de identificar quais foram os contextos críticos – originais – (TRAUGOTT, 2015) que deram origem a construção [Xque]conect. Verificamos tais contextos no *Corpus do Português*, em Cantigas da Idade Média, Cartas do Padre Antônio Vieira e A conversão de São Paulo. Segundo nossa análise empírica, alguns dados com as microconstruções apresentadas neste artigo já aparecem no século XIII.

O gênero escolhido tem relação com a produção escrita existente na época. Um dos gêneros que se destaca na nossa análise é o gênero religioso, comum na época em análise. Como se trata de uma pesquisa diacrônica, as fontes que buscamos para sustentar nossa análise são textos históricos em língua portuguesa. O *Corpus do Português*, por exemplo, reúne diversos gêneros e épocas, incluindo divisão por frequência, contexto e modalidade oral e escrita.

Alguns parâmetros também são importantes em nossa análise quantitativa. Segundo Bybee (2010), sequências lingüísticas que são utilizadas juntas tendem a formar unidades lingüísticas complexas, ou seja, um único bloco cognitivo (*chunking*), pois os elementos são estocados juntos na memória. Sendo assim, sequência de palavras repetidas (ou morfemas) são empacotados na cognição de modo que o encadeamento de palavras possa ser acessado como uma única unidade.

Analisaremos, então, como se comportam as propriedades analisabilidade, composicionalidade e esquematicidade. É esperado que com as microconstruções apresentadas neste artigo haja:

- a perda de composicionalidade: já que ocorre a perda da motivação com o desaparecimento do sentido composicional;
- a perda de analisabilidade: não é mais possível identificar o significado das partes que compõem as microconstruções.

A composicionalidade tem a ver com a capacidade do falante em identificar/reconhecer as partes que compõem uma determinada construção, o que pode ocasionar, também, a perda da analisabilidade, ou seja, o esvaziamento semântico das partes. Com relação a esquematicidade, as construções podem ser mais ou menos esquemáticas, apresentando apenas um *slot* a ser preenchido e outra parte já composta pelo *que*.

Bybee (2010) apresenta alguns processos cognitivos gerais atuantes na formação que construções que são importantes em nossa análise. Para a autora, tais processos são responsáveis por modelar a estrutura da linguagem. Logo, não existiria nenhum sistema específico no cérebro

humano responsável apenas pela linguagem. Os falantes usam capacidades gerais para reconhecer padrões, fazer associações, produzir metáforas etc. Sendo assim, os fenômenos estruturais da língua são derivados de processos cognitivos.

Um processo cognitivo que se destaca na formação das microconstruções é o *chunking*, entretanto outros processos também foram fundamentais para a formação da construção [Xque]conect. O *chunking* é o processo no qual sequências que são utilizadas juntas tendem a formar uma única unidade complexa. Na linguagem, este processo cognitivo relaciona-se com as construções e também com expressões idiomáticas existentes na língua. Por isso, as sequências utilizadas juntamente à uma alta frequência tendem a ser acessadas como uma única unidade.

3. Análise

A partir da análise histórica e tendo como fundamento a teoria da mudança construcional e construcionalização, postulada por Traugott e Trousdale (2013), diante dos micropassos sofridos pelos advérbios, locuções adverbiais e outros elementos (*mesmo*), associados ao pronome relativo *que*, ocasionam a criação das construções citadas desde o latim (CEZARIO; SILVA; SANTOS, 2015).

3.1 A análise das microconstruções *uma vez que*, *assim que* e *já que*

Com base em acervos encontrados entre os XIII e XVIII, verificamos que as construções *uma vez que* e *assim que* surgiram entre os séculos XV e XVII, respectivamente; ao passo que detectamos a microconstrução *já que* no século XVI. Em uma investigação prévia, constatamos 110 casos das construções durante os séculos XV, XVI, XVII e XVIII, como exhibe a tabela (1) abaixo:

Tabela 1 - Frequência das expressões *assim que*, *uma vez que* e *já que* entre os séculos XV e XVIII.

	Século XV		Século XVI		Século XVII		Século XVIII		Total
	C	NC	C	NC	C	NC	C	NC	
Assim que	5	3	26	2	10	6	13	0	65
Uma vez que	0	3	0	2	2	0	0	0	7
Já que	0	1	12	2	23	0	0	0	38
Total	5	7	38	6	35	6	13	0	110

Legenda: C (Construcionalizado) e NC (Não-construcionalizado).

Na Tabela (1) acima, grande parte das expressões encontradas eram classificadas como não-construções até o século XVII. Contudo, se observamos isoladamente cada microconstrução, inexistente um pareamento entre forma e sentido, como mostraremos nos dois exemplos seguir.

Ademais, a Tabela (1) nos permite verificar não somente a formação dessas microconstruções e também os micropassos envolvidos ao longo das sincronias, mas também observar os contextos críticos (TRAUGOTT, 2015) dessas construções.

No século XV, grande parte dos dados não exemplifica uma microconstrução, posto que não constitui um todo de forma e sentido, conforme ilustram os exemplos (1) e (2):

- (1) “Onde diz Jhesu, filho de Syrac: A sabedoria do humildado exalçara a sua cabeça e fara-o seer e~ meetade dos muy grandes. E diz Sam Jeronimo que os sabedores do mu~do desprezam as Sanctas Scripturas. E muyto milhores som as palauras do rostico sinprez que do leterado que diz cousas falsas. Onde aconte[ce]o hu~a uez que os sanctos bispos faziam co~celho geeral e aju~tame~to e~ hu~a cidade que chama~ Niça-” (*O Orto do Esposo*)
- (2) “Este caualeyro avia hu~a sua molher muyto casta e deuota da beenta Uirgem Maria. E veo hu~a grande festa e~ que este caualeyro soya dar muytas doas e fazer grande despesa. E, porque no~ tiinha ja que desse, co~ a uergonça foy~sse esconder e~ hu~a mata e aly jazia fazendo seu doo, ataa que passasse aquella festa.” (*O Orto do Esposo*)

Em (1), as formas *uma vez* e *que* não deve ser julgada como uma única construção. Ao invés disso, constatamos duas construções, a saber: a locução adverbial (*uma vez*) e o complementizador (*que*). Logo, não as consideramos como uma unidade cognitiva. A locução temporal *uma vez* e o complementizador *que* localizam-se em orações diferentes. No trecho (2), os elementos *já* e *que* situam-se em orações diferentes, ou seja, essas formas não constituem um pareamento de forma e função. Assim, não podemos classificá-las como uma forma cognitiva, visto que há as formas *X* (advérbio) e o pronome (*que*).

Contudo, se observarmos atentamente a Tabela (1), constataremos que, embora grande parte das microconstruções presentes sofram processo de construcionalização somente a partir do século XVIII, cada microconstrução deve ser analisada isoladamente, visto que cada uma passa pelo processo de construcionalização em séculos diferentes. De acordo com os dados, no século XV, há o processo de construcionalização da microconstrução *assim que*, como verificamos em (3):

- (3) “E diz e~ outra parte: Per aazo do cuydado que ei porque som pastor das almas, o meu coraçom padece os negocios dos home~e~s segraes e he e~çuyado e feeo com o poo dos auctos terreaes depois da muy fremosa folgança que auia. E, assy que entendo aquello que padeço e e~tendo aquello que perdy, faze-sse a my~ mays graue aquello que soffro, ca agora som quebrantado co~ as ondas do grande mar deste mu~do, e e~na naue da minha me~te som britado com torme~tos de muy forte tenpestade.” (*O Orto do E~sposo*)

No exemplo (3), a expressão *assim que* refere-se a um todo de forma e sentido, sendo concebida como uma construção com valor conclusivo, dado que a construção *assim que* pode ser substituída pelo conclusivo *portanto*.

No século XVI, também averiguamos o processo de construcionalização da microconstrução *já que* em relação ao número de ocorrência dos casos. Por sua vez, somente no século XVII, comprovamos o contexto deflagrador da formação da construção *uma vez que* em todos os casos encontrados. Os fragmentos, a seguir, mostram o processo de construcionalização:

- (4) “(...): porém Ioseph lhe disse, ja que ides nam vos canseis muito, chegai até tal parte, dandolhe o final, que ahi a achareis, & voltai logo, que espero por vos.” (*Vida do venerável padre Joseph de Anchieta*).
- (5) “E hão tanto medo a estes troncos, que, depois de Deus, são elles causa de andarem no caminho e costumes que lhes pomos, e pretendemos que já que não forem bons os grandes, ao menos não estorvem aos pequenos, nem os mettam em seus maus castumes, e com virem á doutrina, e viverem como christãos, e não se permittirem feiticeiros antre elles, nem outros peceados periculosos, vêm á hora da morte a pedirem o bautismo e morrerem christãos.” (*Cartas avulsas*)
- (6) “Aqui há homens de boa qualidade que podem governar com mais notícia e também com mais temor; e ainda que tratem do seu interesse, sempre será com muito maior moderação, e tudo o que grangearem ficará na terra, com que ela se irá aumentando; e se disfrutarem a herdade será como donos, e não como rendeiros, que é o que fazem os que vêm de Portugal. Mas uma vez que os índios estiverem independentes dos governadores, arrancada esta raiz, que é o pecado capital e original deste Estado, cessarão também todos os outros que dele se seguem, e Deus terá mais motivo de nos fazer mercê.” (*Cartas*).

No segmento (4), a expressão *já que* é compreendida como um todo de forma e sentido, portanto, uma microconstrução. Neste caso, o verbo posterior à construção se encontra no modo indicativo, estabelecendo uma relação direta com o sentido causal expresso pela construção. Se visualizarmos atentamente o contexto, temos a presença do recurso indireto. Joseph, o narrador em

terceira pessoa, profere suas palavras no discurso. Em (5), consideramos a expressão *já que* como um todo de forma e sentido e, portanto, uma microconstrução *já que*. Porém, diferentemente do que ocorre em (4), a microconstrução *já que*, em (5), possui valor condicional, embora a maior parte dos casos da microconstrução *já que* funcionarem como conector causal. No caso (6), identificamos a microconstrução *uma vez que*, exprimindo valor condicional, dado que a expressão não somente compõe um todo de forma e sentido, mas também poderia ser substituída por outra expressão de função condicional: *desde que*, sem perda no valor semântico. O valor condicional apresentado pela microconstrução *uma vez que* em (6) é considerado esporádico, dado que, nos poucos dados investigados, a função predominante é como conector causal.

É importante salientar que antes do processo de construcionalização das construções, encontramos o contexto crítico (cf. TRAUGOTT, 2015), que pode ser considerado o gatilho para a criação da construção, conforme explicitado em (7):

- (7) “A outra variedade denominam bóicininga, que quer dizer, "cobra que tine", porque tem na cauda uma espécie de chocalho, com o qual sôa quando assalta alguém. Vivem nos campos, em buracos subterrâneos; quando estão ocupadas na procreação atacam a gente; andam pela grama em saltos de tal modo apressados, que os índios dizem que elas voam; **uma só vez que** mordam, não ha mais remédio: paralizam-se a vista, o ouvido, o andar e todas as ações do corpo, ficando somente a dôr e o sentimento do veneno espalhados pelo corpo todo, até que no fim de vinte e quatro horas se expira”. (*Cartas – Informações, fragmentos históricos e sermões*)

Em (7), observamos a ausência da microconstrução *uma vez que*, dado que não houve o *chunking*, conectando a locução adverbial (*uma vez*) e o complementizador (*que*). Além disso, comprovamos o único caso em que há a presença de um elemento (*só*) entre a locução adverbial e complementizador. É importante destacar que geralmente locuções adverbiais (ou circunstanciadores) residem no final das orações, enquanto que o pronome *que* localiza-se na segunda oração. Desse modo, a manutenção dessa ordem também contribui para a formação da construção [Xque]_{CONNECT} posteriormente.

Frisamos também que em nossa pesquisa preliminar, as expressões *já que* e *uma vez que* não foram encontradas no século XVIII, somente a construção *assim que*, como ilustra o exemplo (8):

- (8) “A mesma Providência quis manifestar o Rei, que preparava para a sua Lusitânia; assim o mostrou logo, porque o Oriente, ou Régio berço, em que Vossa Majestade amanheceu, nunca viu figura tão gentil; nesta se fundou o primeiro anúncio da felicidade Portuguesa, e foi a voz do Oráculo por onde a natureza se explicou. Não foi preciso que os sucessos verificassem aquele vaticínio, porque Vossa Majestade

assim que veio ao mundo, só com se mostrar, disse o que havia de ser”. (*Reflexões sobre a vaidade dos homens*)

No trecho (8), comprovamos o uso da microconstrução *assim que* com função temporal sendo intercambiável com a palavra *quando*, ou seja, a expressão *assim que* retrata um todo de forma e sentido¹. No que se refere à composicionalidade, a construção *assim que* torna-se mais opaca, por não refletir a soma das partes da microconstrução. Reiteramos, assim, que a construcionalização gramatical gera a perda da composicionalidade, uma vez que o sentido do “todo” não pode ser apreendido pela soma de suas partes (CEZARIO; SILVA; SANTOS, 2015).

3.2 A análise das microconstruções *ainda que* e *mesmo que*

Cezario, Silva e Santos (2015) mostram que até o século XVI não havia as microconstruções *sempre que*, *mesmo que*, *já que* etc. Entretanto, havia contextos críticos que poderiam explicar como tais usos emergiram na língua. Com relação à *ainda que*, é possível observar que já no século XVIII encontramos a microconstrução com ideia concessiva formada, como exemplificado no exemplo (9) abaixo:

- (9) Digo-te hirmaão verdadeiramēte que eu nom tenho de que pague o frete nem tenho despesa pera o caminho mais esconder-me-hey em huû destes navios que alla vaã e forçado he que me dem de comer os qui hy forem **ainda que** nõ queirã e dar-lhe-ey o meu corpo por pago do frete Rogo-te padre Zozimas que me perdooes ca eu queria hir com elles pera os aver por amigos da minha deleitação (*Vidas de Santos de um manuscrito alcobacense*, 1200 – 1300)

O exemplo acima se trata de uma situação na qual há um indivíduo fazendo uma súplica por perdão e esconderijo, mencionando que por mais que ele não tenha como pagar o frete do navio e, assim, consiga escapar, ele pode dar seu próprio corpo como forma de pagamento:

Ainda que não queiram, dar-lhe-ei o meu corpo por pago do frete.

Nota-se que *ainda que* inicia o segmento concessivo, deixa em destaque a objeção – podem não aceitar o que está sendo oferecido pelo indivíduo – e logo depois a asserção – dar-lhe-ei meu corpo por pago do frete – fato que não tem a realização impedida.

¹ A construção *assim que* também foi encontrada retratando uma função conclusiva, porém, a fim de explicitar e explicar a rede [Xque]_{CONNECT}, em que o slot X é preenchido por elementos adverbiais, faremos tal recorte na análise.

Porém, encontramos contextos críticos (TRAUGOTT, 2015) que pensamos que podem ter dado origem ao *ainda que* concessivo. Os contextos críticos são contextos nos quais os falantes podem entender o item de maneiras ambíguas ou que podem ter dado origem a uma determinada interpretação diferente da qual o item possuía antes, como exemplificado em (10):

- (10) deu por esto lecença e outorgamento a todollos clerigos que tevensen molheres recebudas e barregãas quantas quisessen descubertamëte; e mandou ainda / que nõ fossen obedientes aos estabellicimentos e posturas de Roma, as quaaes defendyam taaes cousas como lhes elle mandava fazer (*Crónica Geral de Espanha*, 1344)

Em (10), *ainda* está no final de uma oração e a oração seguinte é iniciada pelo conectivo *que* acompanhado do verbo *ir* no subjuntivo, modo típico das orações concessivas com *ainda que*. Nos séculos analisados, havia muitos contextos nos quais *ainda* terminava uma oração e era seguido de *que* iniciando a oração seguinte. Logo, é possível que, pela repetição das partes nessa posição, as unidades tenham sido vistas em um determinado tempo como uma única unidade, ou seja, um *chunk*. (cf. BYBEE, 2010)

O mesmo acontece em (11):

- (11) que per quen sse chama na vila per esse sse deue a chamar na aldeya & o pignorado deue seer entregue pelo porteyro dos Aluzáj's. & deuë-lhj a dar hûu soldo pela legua & outro pela uljda. costume é de tenda armada na uila de tres mealhas & fora nemigalha & outro sso o bofon que uender na Juyeyra na uila da tres mealhas & fóra nemigalha. costume e que o Alcayde pode leyxar seu omë na aldeya pera filhar o malfeytor & nõ pera outras chagas. e o Mayordomo no'-no pode leyxar ainda que casas nõ aiã nõ uerã morar aas tendas os da uila nẽ-nos do termo. costume é que a tendeira tera ssa tenda & uendera en ela & nõ ira ao açougue se nõ quiser. costume é que todo vezinho senõ for cõ sas uendas ao açougue nõ de rë & uenda per hu quiser. Os vezinhos de ffora. leuë as uendas ao açougue. e os Caminheyros nõ den rë de ssa merchandia. costume é que seleyros & pintores e os que ffazë os escudos e os Astieyros & (*Dos costumes de Santarém*, 1294)

O exemplo acima pode ser interpretado tanto como:

- (a) E o mordomo não pode deixar ainda/que casas não hajam, não verão morar as tendas os da vila nem nos do termo.

Nesta interpretação, o *ainda* funciona apenas como intensificador, aclarando ou fazendo uma ressalva.

Ou como:

- (b) E o mordomo não pode deixar, ainda que casas não hajam não verão morar as tendas os da vila nem nos do termo.

Nesta interpretação, já temos o *ainda que* funcionando como conector sintático concessivo. Exemplificando, o contexto crítico que teria dado origem a interpretação concessiva do item seria:

Oração terminada pelo advérbio *ainda* + Complementizador *que*

Analisamos também a microconstrução *mesmo que*, a fim de identificar em qual período a mesma começa a fazer parte do nó concessivo na rede construcional. Segundo nossa análise empírica, os dados com *mesmo que* só aparecem no século XV (pelo menos no *corpus* escolhido para análise). O exemplo (12) mostra o *mesmo que* não construcionalizado, já que o *mesmo* funciona como uma ressalva para o entendimento da sentença como “em si próprio”:

- (12) Çertamemte, se hy tall há, cuyde ã sy mesmo que não he verdadeyro portugues nã deçende daquella gotica llynhagẽ cuja nobreza nunca ã sua companhia quis villeza de temor. (*Crônica do Conde D. Pedro de Meneses*, 1400-1500)

Entretanto, em (13), exemplo encontrado no mesmo século, nos sugere um possível começo para a construcionalização do item:

- (13) A esto Respondemos que Nos praz por vos fazer merçe que Nos praz que acabado o tempo do contrauto da cortiça ho nam aJa hy mais E assy mesmo que se nom ffaça trauto de coiros,, Jtem Outrossy ao que pedijs que pello dano que nosso pouoo Reçebe de sse arremdarem as chamçelarias das Correições o que Ja muytas vezes foy defesso per Nossos amteçessores, Quei- ramos mandar que daquy em diante sse nom arremdem e aRecadem pera nos per Nossos ofiçiães pello que se escussara muyta opressam do pouoo (*Cortes Portuguesas*, 1498)

Podemos interpretar o item como já construcionalizado como item concessivo, ideia sugerida pelo verbo fazer no modo subjuntivo. Entretanto, ainda não é possível fazer generalizações acerca da construcionalização deste item, visto que ainda não temos tantos resultados. Porém, acreditamos que o processo tenha sido parecido com o que aconteceu com *ainda que*, apesar de *mesmo* não apresentar sentido temporal como *ainda*.

A tabela a seguir mostra as ocorrências de cada item começando no século XIII (século no qual já encontramos *ainda que* construcionalizado com valor concessivo) até o século XV (século no qual encontramos a ocorrência *mesmo que* concessivo).

Tabela 2 – Frequência das expressões *ainda que* e *mesmo que* entre os séculos XIII e XV.

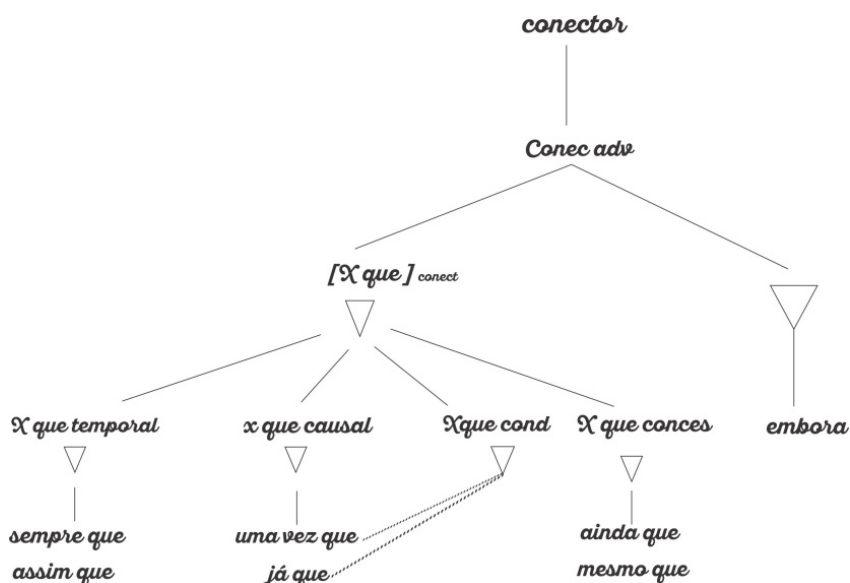
	Século XIII	Século XIV	Século XV	Total
Ainda que	14	66	587	667
Mesmo que	0	0	21	21
Total	14	66	608	688

Foram encontradas 688 ocorrências das microconstruções *ainda que* e *mesmo que* no *corpus* analisado. Pela tabela, observamos que *ainda que* além de ter surgido antes, apresenta aumento de ocorrência nos séculos seguintes. É importante aclarar que as ocorrências apresentadas nesta tabela envolvem tanto os contextos que acreditamos terem sido os contextos favoráveis à contruacionalização das microconstruções e aqueles contextos nos quais já as encontramos construcionalizadas.

Conclusão

Após análise das microconstruções apresentadas neste artigo, apresentamos uma tentativa de representá-las na rede construcional abaixo:

Imagem 1- Representação dos conectivos na rede construcional.



No nó dos conectivos adverbiais, temos a construção [Xque]connect de um lado e de outro a construção *embora* como exemplo de conector adverbial subordinativo. O fato de ter uma linha tracejada no nó do Xque condicional é porque *uma vez que* e *já que* servem como expressões condicionais em português, mesmo não sendo as prototípicas. Se pensarmos no nó do Xque concessivo, observamos, após análise dos dados, que *ainda que* entra na rede já no século XIII, enquanto *mesmo que* só aparece no século XV.

Como abordado por Traugott e Trausdale (2013), o modelo construcional de mudança linguística permite ao linguista observar itens que possuem origens diferentes na língua, mas estão conectado de alguma maneira na rede. Neste artigo, apresentamos a construção [Xque]connect, que possui instâncias altamente produtivas no português. A construção mais abstrata [Xque]connect já possuía grande ocorrência nos períodos apresentados em nossa análise. Sugerimos, então, que a alta frequência tenha contribuído para a expansão do esquema e o surgimento de novos itens no slot X. Com isso, houve a construcionalização de micro construções como *ainda que*, *mesmo que* e *uma vez que*, *sempre que* etc, apesar de apresentarem sentidos diferentes (concessão, tempo, etc), compartilham propriedades em comum. *Ainda que* e *mesmo que*, por exemplo, estão, de certa forma, ligadas à construção *embora*, pois são conectores concessivos. O modelo contribui justamente para uma visão de mudança mais ampla, ou seja, contempla a concepção de gramática como rede em nós conectados de modo hierárquico e também a formação de construções esquemáticas.

Referências bibliográficas

- BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge University Press, 2010.
- CEZARIO, MM; SILVA, T.; SANTOS, M. Formação da Construção [XQUE]CONEC no Português. **Revista e-escrita: revista do curso de etras da UNIABEU**, v. 6, p. 229-243, 2015.
- HUDSON, Richard A. **Language Networks: The New Word Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- MARTELOTTA, M. E. T. **Os circunstanciadores temporais e sua ordenação: uma visão funcional**. Rio de Janeiro: UFRJ, p.229, 1996.
- MARTELOTTA, M.E.T. **Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Cortez, 2011.
- SANTOS, M. P. K.; CEZARIO, M. M. . Gallaecia. Estudos de lingüística portuguesa e galega. **III Congresso Internacional de Linguística Histórica**. 1. ed. Santiago de Compostela: Santiago de Compostela publicacións, 2017. v. 1, p. 959-974.
- TRAUGOTT, Elizabeth Closs; Graeme Trousdale. Gradience, gradualness and grammaticalization: how do they intersect?. *In: Elizabeth Closs Traugott, Graeme Trousdale (Ed.)*. **Gradience, gradualness and grammaticalization**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2010.
- TRAUGOTT, E. C. The status of onset contexts in analysis of micro-changes. *In: Kytö, M. (Ed)*. **English Corpus Linguistics: Crossing Paths**. Amsterdam: Rodopi, p. 221-255, 2012.
- TRAUGOTT, E.C; TROUSDALE, G. **Construcionalization and Constructional Changes**. Oxford: University Press, 2013.
- TRAUGOTT, E. C. Toward a coherent account of grammatical constructionalization. *In: Jóhanna Bar dal; Elena Smirnova; Lotte Sommerer; Spike Gildea. (Org.)*. **Diachronic Construction Grammar**. 1 ed Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2015.